

## NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

### ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

#### RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES

Em conformidade com os Estatutos, a primeira reunião do ano lectivo, realizada em 30 de Novembro de 1968, destinou-se à eleição da nova Direcção.

O Tesoureiro cessante, Doutor Manuel de Oliveira Pulquério, apresentou à Assembleia-Geral dos sócios o relatório das contas do ano findo. O trabalho foi aprovado, e aplaudido o zelo do seu autor.

Por proposta do Dr. Aníbal Pinto de Castro, aceite por unanimidade, voltou a ser reeleita a Direcção dos anos anteriores.

O Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho agradeceu a confiança assim testemunhada e, depois de ouvir as opiniões dos sócios presentes, anunciou o programa das actividades previstas até Junho de 1969.

#### ANO LECTIVO DE 1968-69

*O motivo da culpa no «Rei Édipo» de Sófocles* constituiu o tema da comunicação apresentada, em 3 de Dezembro, pelo Doutor Manuel de Oliveira Pulquério. Através da análise desse motivo no plano humano e no plano divino, chegou ao problema da interpretação da peça, que considerou «tragédia de destino» em um novo sentido: o conceito de culpa hereditária adquire agora relevo especial no contexto dramático em que se insere, e a sua discussão permite formular em novos termos as obscuras relações entre o sofrimento humano, a responsabilidade pessoal e o destino.

Na troca de impressões que se seguiu, a Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena da Rocha Pereira manifestou concordância com a interpretação

do segundo estásimo e recordou que, segundo Hansen, ainda não estava claramente definida, ao tempo da representação do *Rei Édipo*, a posição jurídica a adoptar em um caso de homicídio como o de Laio. O Dr. Boaventura de Sousa Santos manifestou a opinião de que a culpa de Édipo não seria «fáctica», mas «existencial»: doutrina que o Doutor Manuel Pulquério considerou radicalmente alheia às concepções sofocianas. O Rev. Dr. José Geraldês Freire expôs dúvidas quanto aos aspectos da peça que se relacionam com o problema da autonomia humana em face do divino: na sua resposta, o Doutor Manuel Pulquério acentuou que, para Sófocles, o homem, embora livre na decisão, via o seu agir enquadrar-se no plano geral da harmonia traçado pela divindade; e que algumas dificuldades de pormenor no *Rei Édipo* não prejudicam, todavia, o equilíbrio admirável do conjunto. Como a aluna D. Maria Teresa Schiappa de Azevedo indagasse o motivo por que a intervenção dos deuses se não teria verificado imediatamente a seguir à consumação do incesto, o Doutor Manuel Pulquério explicou que o poeta desejara, por certo, estabelecer melhor o contraste entre a grandeza, aparentemente consolidada, de Édipo e a ruína profunda que depois sobre ele se abateu. O Prof. Doutor Costa Ramalho exprimiu, por último, a sua concordância com a interpretação apresentada da figura de Jocasta.

No início da sessão de 23 de Janeiro de 1969, o Presidente congratulou-se com o êxito da excursão dos finalistas de Filologia Clássica a Itália (Maio de 1968) e com a oportunidade — que as duas licenciandas organizadoras da viagem iam oferecer aos presentes — de acompanharem, através da projecção de uma centena e meia de postais e diapositivos coloridos, os passos mais significativos do roteiro artístico e cultural percorrido pelos alunos e docentes que os acompanharam.

A licencianda D. Maria Margarida Pérez Brandão agradeceu os subsídios materiais e outras ajudas de que os finalistas puderam beneficiar, e comentou sucintamente as ilustrações apresentadas, que compreendiam monumentos e paisagens da Toscana (Florença, Fésulas, Pisa), do Lácio (Roma, Óstia, Tíbur) e da Campânia (Nápoles, Herculano, Pompeios, Pesto). O seu trabalho foi feito em estreita colaboração com a licencianda D. Augusta Fernanda de Oliveira e Silva, que assegurou, junto do operador, a regular sequência da projecção.

O Rev. Dr. José Geraldês Freire ocupou-se, na sessão de 25 de Fevereiro, de *O pôr-do-sol em Virgílio e nos bucolistas portugueses*. Depois de analisar os passos em que o Mantuano versa o tema do sol poente, indicou vestígios do tema em poetas bucólicos quinhentistas e pôs em realce a frequência com que estes autores imitaram o modelo virgiliano.

A Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, secundada pelo Prof. Doutor Giuseppe Carlo Rossi, sugeriu a ampliação do tema aos arcadistas portugueses.

Em 11 de Março, o Prof. Doutor Manfred Bambeck, da Universidade de Francoforte do Meno, apresentou uma comunicação sobre *Petrônio e os dialectos do Sul da Itália*. Servindo-se de uma carta linguística, mostrou que algumas palavras do *Satyricon*, nomeadamente *mappa*, *manuciolum*, *gastra*, *bonatus*, *uauato*, estão hoje exclusivamente representadas no vocabulário de certos dialectos da Itália Meridional e da Sicília.

O agravamento da crise resultante da contestação estudantil determinou a anulação das sessões que deviam realizar-se nos meses de Abril, Maio e Junho de 1969.

#### ANO LECTIVO DE 1969-70

Em 29 de Novembro de 1969, reuniu-se a Assembleia-Geral dos sócios, a fim de eleger a nova Direcção.

O Tesoureiro cessante, Prof. Doutor Manuel de Oliveira Pulquério, leu o relatório das contas do ano findo, que foi aprovado, e esclareceu que o deficit que se observava seria coberto pelo saldo dos anos precedentes. O Presidente cessante, Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, lembrou, a propósito, a necessidade de aumentar o número de sócios e acolheu, sobre o assunto, sugestões da Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, Prof. Doutor Manuel Pulquério, Prof. Doutor Giacinto Manuppella e Rev. Dr. José Geraldês Freire.

Por proposta do Prof. Doutor Giacinto Manuppella, aprovada por unanimidade, foi reeleita a Direcção do ano anterior.

O Prof. Doutor Costa Ramalho agradeceu e estudou, com os sócios presentes, o programa das próximas sessões.

*Os heróis gregos em «Os Persas» de Ésquilo* foi o tema da comunicação apresentada, na sessão de 15 de Dezembro, pela Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Quintela Ferreira Sottomayor. Depois de analisar o contraste existente, na peça, entre a longa enumeração dos nomes dos chefes persas e o anonimato dos generais gregos em Salamina, concluiu que esse anonimato está de acordo com a concepção democrática dos Gregos, segundo a qual a vitória era de todo o povo, e não apenas de alguns generais.

Na troca de impressões que se seguiu, o Prof. Doutor Manuel Pulquério lembrou a opinião, expressa por Lattimore, de que a enumeração compacta de chefes persas pode ser um meio de fazer ressaltar a força do exército inimigo e encarecer, ainda mais, o brilho do triunfo ateniense, que é a vitória do Grego sobre o Bárbaro. O Prof. Doutor Paulo Quintela fez alguns considerações sobre o problema da cor local na peça e suas derivações, assunto a que a Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena da Rocha Pereira e o Prof. Doutor Manuel Pulquério trouxeram também oportunos complementos. O Rev. Dr. Geraudes Freire e a estudante D. Maria Teresa Schiappa de Azevedo apresentaram algumas dúvidas, que a Prof.<sup>a</sup> Doutora Rocha Pereira, o Prof. Doutor Manuel Pulquério e a Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Sottomayor resolveram.

Em 26 de Janeiro de 1970, o Prof. Doutor Manuel de Oliveira Pulquério fez uma comunicação sobre *O problema do sacrifício de Ifigénia no «Agamémnon» de Ésquilo*. Na opinião do conferente, a análise da actuação do Coro na peça permite concluir que a expedição dos Gregos a Tróia não gozava do beneplácito divino. Deste modo, Agamémnon não pode considerar-se ministro de Zeus, e a desgraça que o fere no sacrifício de Ifigénia não compromete a lógica e a justiça dos deuses olímpicos.

Em resposta a uma objecção da estudante D. Maria Teresa Schiappa de Azevedo, o Prof. Manuel Pulquério reafirmou que em Agamémnon não há engano nem cegueira irresponsável, nem sequer desconhecimento dos limites da condição humana, mas verdadeira culpa, sacrilégio punido nas consequências trágicas da sua ímpia decisão.

O estudante Sr. Carlos Alberto Pais de Almeida referiu-se às relações do *Agamémnon* de Ésquilo com a *Ifigénia Aulidense* de Eurípides, e perguntou quais os móveis da divindade ao exigir o cruento sacrifício. O Prof. Doutor Manuel Pulquério observou que a situação do Agamémnon esquiliano é muito diversa da do Agamémnon euri-

pidiano, e que a intenção imediata dos deuses será a de castigar Agamémnon, compelindo-o a agir de forma altamente dolorosa para o próprio herói.

O Prof. Doutor Costa Ramalho sugeriu que, ao publicar o trabalho, o Prof. Doutor Manuel Pulquério transcrevesse e discutisse os três passos, aparentemente contrários à sua tese, alegados por Page. O conferente afirmou que a opinião de Page lhe parece desarraigada da mentalidade esquiliana: o assassinio de Agamémnon só é compreensível se o chefe aqueu for efectivamente culpado (de contrário não teria sentido a doutrina dos estásimos). Em concordância com a interpretação do Prof. Doutor Manuel Pulquério, a Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena da Rocha Pereira sublinhou a debilidade de Agamémnon perante as alternativas da sorte.

O conferente respondeu, ainda, a algumas dúvidas ou objecções de pormenor que lhe foram apresentadas pelos estudantes D. Maria Teresa Schiappa de Azevedo, D. Maria Manuel Pimentel, D. Virgínia Soares Pereira e Sr. Carlos Alberto Pais de Almeida.

Ao abrir a sessão de 24 de Fevereiro, a Vice-Presidente, Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, anunciou o projecto de um Curso de Actualização para Professores de Filologia Clássica, e leu a circular que começara a ser distribuída. Solicitou, depois, a indicação de nomes e endereços aos quais a referida circular pudesse ser enviada e declarou que seriam bem-vindas as sugestões destinadas a melhorar o temário que na mesma se propunha.

O Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho leu depois a sua comunicação, intitulada *Lucius Andreas Resendius: porquê Lucius?* Depois de citar Carolina Michaëlis, que escreveu em 1905: «A razão por que preferiu Lúcio entre os prenomes mais usados na Roma antiga, adivinhe-a quem quiser e puder», afirmou, baseando-se em uma ode autobiográfica de André de Resende escrita em latim, que o humanista nascera em 13 de Dezembro, dia da mártir Lúcia (Santa Luzia): daí a preferência pelo nome, que, afinal, não era de origem pagã, como se pensava.

Na habitual troca de impressões que se seguiu, intervieram o Prof. Doutor Paulo Quintela, que se referiu à designação de Santa Luzia, no Norte do País, como advogada dos estudantes; a Dr.<sup>a</sup> Maria de Jesus Gomes, que propôs a inserção, no temário do Curso de Actualização, de uma rubrica sobre Humanismo; e a Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria

Helena da Rocha Pereira, que apresentou uma dúvida sobre a intencionalidade do prenome de Públia Hortênsia de Castro.

*Aspectos filológicos dos «Apophthegmata Patrum»* foi o tema da comunicação apresentada, em 12 de Março, pelo Rev. Dr. José Geraudes Freire. Após breve referência aos apotegmas nos autores portugueses e nos clássicos gregos e latinos, estudou as origens do género, sobretudo nas duas literaturas cristãs; exemplificou com passos tirados da tradução de Pascásio de Dume; expôs a evolução do género literário; e indicou as colecções de apotegmas latinos que estão por estudar.

Apresentaram esclarecimentos ou dúvidas o Prof. Doutor Costa Ramalho e a Dr.<sup>a</sup> Maria de Jesus Gomes.

Na sessão de 13 de Abril, a Dr.<sup>a</sup> Maria de Jesus Gomes falou sobre *Um classicista cabo-verdiano: José Lopes [da Silva]*. Referiu as circunstâncias em que conhecera o poeta ilhéu, apresentou algumas notas biográficas do classicista e esboçou um quadro da poesia cabo-verdiana, na qual integrou a obra de José Lopes. Ocupou-se depois, com mais pormenor, dos reflexos que a lição dos clássicos latinos deixou nas composições do poeta cabo-verdiano e analisou alguns aspectos estilísticos que nelas sobressaem.

A comunicação foi ilustrada com projecções. Apresentaram dúvidas ou esclarecimentos o Prof. Doutor Costa Ramalho, a Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena da Rocha Pereira e a Dr.<sup>a</sup> Dionísia Camões.

O Dr. Mário de Castro Hipólito ocupou-se, na sessão de 22 de Maio, de *A datação das moedas gregas: critérios e problemas*. Partindo de breve referência crítica aos métodos tradicionais, definiu e examinou alguns princípios teóricos dos novos critérios, em especial o que se baseia na seriação cronológica de cunhos. Estudou seguidamente, em pormenor, um problema fulcral da cronologia das moedas de Siracusa, no segundo quartel do século v a.C. Esta discussão implicou um exame de toda a numismática daquele centro monetário no decurso do referido século. As conclusões alcançadas permitiram-lhe ilustrar as possibilidades dos novos critérios, cuja validade ficou, assim, criticamente demonstrada.

A comunicação foi acompanhada de numerosas projecções. O Dr. Mário Hipólito respondeu a dúvidas postas pelo Prof. Doutor Manuel Pulquério e Doutor José Maria da Cruz Pontes.

Uma visita de estudo à Casa de Sobre-Ripas — edifício do século xvi que, pela sua decoração, constitui raro exemplar da arquitectura civil no nosso País — encerrou, a 24 de Junho, o programa de actividades do ano lectivo de 1969-70.

Orientou a visita o Prof. Doutor Salvador Dias Arnaut. No final, o Prof. Doutor Costa Ramalho referiu-se ao licenciado João Vaz, que mandou construir a Casa, e à falta de documentos que permitam considerá-lo pai da famosa humanista Joana Vaz, natural de Coimbra, e dama da Infanta D. Maria, filha de D. Manuel I.

W. S. M.

#### DEFESA DO LATIM NA ASSEMBLEIA NACIONAL (1969)

Aproveitando o ensejo oferecido pelo debate na Assembleia Nacional sobre a defesa da Língua Portuguesa, vários oradores, no princípio do ano de 1969, realçaram a necessidade do Latim para um estudo consciencioso do nosso idioma. Damos a seguir os elementos de interesse para o nosso tema, tal como eles nos são fornecidos pelo respectivo «Diário das Sessões».

No dia 30 de Janeiro de 1969 foi efectivado na Assembleia Nacional o aviso prévio sobre a defesa da língua portuguesa, proposto pelos deputados Elíseo Pimenta e José Alberto de Carvalho. Após a intervenção do primeiro dos deputados avisantes foi pedida a generalização do debate.

Nesse mesmo dia, o deputado HENRIQUES MOUTA, depois de ter verberado erros que se verificam em livros utilizados pelos alunos dos Liceus, a certa altura afirmou:

«Pelo que toca à estética, atrevo-me a sugerir a reposição do latim no curso geral dos Liceus. Português sem latim é algo como vertebrado sem vértebras.

*Vozes:* — Muito bem.

*O Orador:* Mas não se trata de uma reposição qualquer, é de uma reposição a corresponder à matriz latina da língua e aos oitenta por cento dos termos latinos de raiz, do seu vocabulário: uma reposição válida, a sério, para ser eficaz. Talvez fosse o remédio mais poderoso contra os pontapés na gramática, vibrados não apenas com a bota comum dos alunos que não ultrapassam o curso geral e outros cursos secundários ou médios (e são a grande maioria), mas por vezes vibrados

com o afilado nariz do sapato de verniz de não poucos diplomados. Agora que se estão a repensar as estruturas do ensino, a ideia parece de considerar».

A 4 de Fevereiro o deputado BARROS DUARTE apontou «duas causas da indisciplina e das adulterações e decadência que está sofrendo a nossa língua. Uma dessas causas está, segundo presumo, na quase total abolição do latim dos programas escolares.

Os grandes mestres da nossa fala, Srs. Deputados, entroncaram-na sempre em boa cepa do Lácio, donde lhe veio a fidelidade do rasto etimológico, a disciplina e concisão do conceito, a propriedade do termo, o ajustamento da palavra exacta, o mecanismo e a hierarquização das regências, a melodia da frase, o fio lógico da proposição, o travejamento harmónico do discurso (...).

Com quanta saudade, meus Senhores, recordo os anos longínquos de Latinidade, de Literatura Portuguesa, de Retórica e Oratória Sagrada, no prestigioso Seminário de S. José de Macau, em que os meus queridos mestres inicianos, de competência e dedicação invulgares, nos exercitavam, quase na mesma disciplina de Latino Coelho, no convívio de Vieira, Bernardes e Camões; e ainda na privança, embora menos assídua, de Túlio e Tito Lívio, de Virgílio e de Ovídio!... O latim despertara em língua viva, por assim dizer, nas disciplinas estritamente filosóficas e teológicas. Falava-se e escrevia-se a língua de Cícero, naquele santuário das letras e da virtude.

Até no pequeno Seminário de Nossa Senhora de Fátima, fundado em 1936, na missão de Soibada, em Timor, pelo bispo D. Jaime Garcia Goulart, o latim era cultivado com o preenchimento de cinco horas semanais de aula, a par do português. E eu, após a fundação daquele Seminário, pude colher a alegria de receber de um dos meus discípulos, puro nativo de Timor, cartas relativamente frequentes, escritas em latim que já trazia aromas dos campos onde se cultivara.

Não venho com isto, Srs. Deputados, advogar o regresso a uma latinização maciça dos programas de estudos das nossas escolas secundárias. (...) Mas ousaria propor que profissões como o magistério primário diplomado, o magistério secundário exercido em secções de Letras e o jornalismo profissional e actividades equiparadas na rádio, televisão e teatro, se documentassem oficialmente com um conhecimento mais real do latim. Confio em que este voto venha a despertar algum eco e simpatia».

A outra causa da degenerescência do português apontada pelo Deputado por Timor é a tendência em confundir língua com erudição.

A 5 de Fevereiro o deputado ARLINDO SOARES, depois de apontar alguns vícios de educação, continuou:

«Um das grandes causas da perda da vernaculidade e dos desvios do idioma foi sem dúvida a redução ou quase eliminação do latim no ensino secundário, pois o que ficou, em certos cursos, de obrigatório quanto a esta disciplina para pouco ou nada serve. Com que saudade recordo os já longínquos anos de menino e moço, no Colégio Internato dos Carvalhos, e as aulas do grande mestre que foi o P.<sup>e</sup> António Almeida, que a morte há pouco ceifou e que manteve até aos últimos tempos de uma invejável longevidade, o ar austero que não era incompatível com uma bondade inata, que muitos ignoravam, aulas que só ele sabia tornar atraentes numa matéria que, para muitos, era motivo de tortura e desespero!... Os conhecimentos ministrados que o P.<sup>e</sup> António Luís Moreira, o grande pedagogo e latinista, de vez em quando se permitia fiscalizar, mostrando assim o interesse desta disciplina para a formação humanística dos alunos confiados à sua direcção e orientação, foram de capital importância para poder entender em profundidade a linguagem que a carreira médica, que abracei, me deparou. E abro aqui um parêntesis para lamentar que, sendo a classe profissional a que pertence aquela que, sem dúvida, mais numerosa e qualificada contribuição tem dado às letras pátrias, nos tempos que correm mercê do vazio que o desconhecimento do latim cavou na pureza da língua os médicos portugueses já, por vezes, se não entendem, pois é diferente a linguagem usada de Faculdade para Faculdade».

No mesmo dia, o deputado VAZ PIRES, lamentando que actualmente se escreva e fale tão mal o português, perguntou:

«Porque não uma hora diária de Português para os alunos do ciclo preparatório? Porque não umas quatro horas semanais de Português e umas três horas de Latim para os alunos do 2.<sup>o</sup> ciclo?

*Vozes:* — Muito bem».

A 6 de Fevereiro o deputado FILOMENO CARTAXO, ao falar sobre os métodos de ensino da língua portuguesa, acrescentou:

«Sou, por um lado, um adepto fervoroso do regresso do latim aos cursos gerais. Talvez de um latim ensinado de outra forma, em

dialéctica na sua conjugação com o português. Não aquele latim que de certa forma me foi ministrado e que era o meu «papão» e a minha dor de cabeça. E de alguma coisa me serviu, apesar de tudo, a sua aprendizagem. Para além das possibilidades francamente instrutivas que lhe adivinho, noto-lhe indubitavelmente a virtude de se tornar um óptimo elemento de disciplina mental e, por conseguinte, da formação intelectual do aluno».

Na sessão de 7 de Fevereiro o deputado PINTO DE MENESES, após ter apontado métodos directos para defesa da língua portuguesa, continuou:

«Em todo o caso, parece-me haver métodos aparentemente menos directos, de que me proponho enumerar dois, mas que devem encarar-se como indispensáveis para suporte, um e outro, para a difusão e promoção de lídimo falar português.

Já se vê, destes o primeiro terá de ser, na douda companhia do ilustre deputado sr. Cónego Mouta, a reposição do latim como matéria a estudar no ciclo geral do Liceu. É a quarta vez, pelo menos, que nesta tribuna nos ocupamos deste caso: sessões de 31 de Janeiro de 1964, de 24 do mesmo mês de 1967 e de 13 de Fevereiro do ano passado.

As deficiências que no ensino superior se notam quanto à preparação em língua portuguesa quando os alunos ali chegam deve-se, sobremaneira, à ignorância basilar do latim, língua informadora e permanente tutora, quer se queira quer não, do nosso falar. Isto, decerto, longe de pretender aproximar-se hoje do almejado propósito camoniano de reajustamento das duas línguas que exprimiu nos sabidos versos (Lus. I,33):

*E na língua, na qual, quando imagina  
Com pouca corrupção crê que é a Latina.*

A substituição de algumas horas de português pelo latim quero crer que imprimiria espectacular desenvolvimento e segurança na utilização do pátrio idioma. Isto sem falar da achega às línguas irmãs, neolatinas. Já se vê que, para a possibilidade deste regresso ao latim, haverá que simplificar noutras matérias também o peso dos programas. No que só me parece haver a lucrar. Nem se contradiga com o argumento de que esse latim de três anos em classe fosse suficiente para traduzir os grandes clássicos; e, assim, para quê tanto esforço sem finalidade à vista? Decerto que normalmente isto se dá. Mas o

benefício informativamente vivo daquela língua morta traduz-se, sobretudo, não em fazer latinistas, mas impor coordenadas seguras no uso do português. Os elementares de latim serviriam como um corrimão seguro que, mesmo não se usando, pela sua presença permitiriam, consciente ou subconscientemente, seguir com maior segurança na declivosa pendente da deterioração do idioma que nos ameaça.

Já se vê que o estudo do latim deverá metodizar-se de outra sorte que não aquela por que o aprendemos numa tradição multissecular, particularmente desde a Renascença, e que já Verney criticava construtivamente. Porque, em vez de pretender traduzir os trechos dos grandes clássicos, não passar a utilizar o latim do fim do Império, em particular o da Bíblia Vulgata, que, sem ser incorrecto, não visava o sublime ou o elíptico da locução, mas antes se queria mais popular, para ser entendido geralmente por todos?

Isto além de outras óbvias vantagens espirituais!»

O segundo meio apontado pelo dr. Pinto de Meneses para defesa da nossa língua é o estudo do português em prejuízo de uma gramática excessiva. Ao terminar o seu discurso, o Orador voltou ao tema do latim:

«Resumirei quanto de mais importante enunciei nas seguintes conclusões: quanto à metrópole, regresso do ensino elementar de latim ao curso geral do Liceu, como base indispensável de um ensino eficiente do português; quanto ao ultramar, formação de um português de base, meio de ensino e de alfabetização dos nativos, além do veículo do entendimento entre os seus idiomas, tudo promovido, descentralizadamente, através das respectivas Universidades».

Encerrou o debate o deputado JOSÉ ALBERTO DE CARVALHO, o qual, ao enumerar as causas da indisciplina no português, citou estas palavras do dr. Gomes Branco:

«Igualmente o latim simbolizava estudo persistente, esforço, trabalho, desejo de se aperfeiçoar e de vencer. Na realidade, o latim clássico é uma língua rica de formas, vasta no vocabulário, de índole sintáctica bem diferente das línguas mais correntes entre nós. Por tudo isso o seu estudo exigia capacidade intelectual e desejo de a utilizar. O esforço que pedia, aliado à aparente inutilidade, muito correu para o seu afastamento dos cursos gerais. Ora a orientação que cedeu no caso do latim correu o risco de ceder noutros casos do

ensino e da educação. O modo como hoje se estuda é disso claro sintoma. Muitos estudantes procuram quem os substitua no esforço da inteligência e, sobretudo, de vontade que a escola lhes pede. E será essa substituição possível?

*Vozes:* — Muito bem».

Tal como acontecera em 1968 (cf. *Humanitas*, XIX-XX, pp. 343-349), também durante este debate, de 30 de Janeiro a 7 de Fevereiro de 1969, não se ouviu uma só voz que discordasse da vantagem em estudar latim, agora considerado apenas sob o aspecto de suporte da pureza do português.

P. J. GERALDES FREIRE

#### EDUARD FRAENKEL

No dia 5 de Fevereiro de 1970, terminou os seus dias em Oxford uma das maiores figuras do humanismo de todos os tempos: o Professor Eduard Fraenkel, membro honorário de Corpus Christi College, antigo Corpus Professor of Latin da Universidade e detentor de sete graus de doutoramento em diversos países. Para além de tudo isto — as honrarias podem ser simples convergência dos favores da fortuna — o Professor Fraenkel ocupou um dos lugares mais altos do saber clássico e foi um dos raros — talvez o último — a mantê-lo com igual mestria no Grego e no Latim.

Nascido em Berlim, em 17 de Março de 1888, iniciou a sua carreira académica como estudante de Direito em 1906. Mas, mesmo nessa qualidade, não deixou de continuar a ouvir as prelecções de Wilamowitz, cujas conferências no Liceu Vitória o tinham fascinado desde os seus tempos do ensino secundário. Uma viagem a Itália acabou de o decidir a responder à vocação que sempre sentira. E assim, no regresso, inscreve-se como estudante de Filologia Clássica. Na Universidade de Berlim ouve então regularmente o mestre incontestado do primeiro quartel deste século; e também outros grandes especialistas, como Eduard Meyer, Diels, Norden. Em Göttingen, para onde depois se transfere, encontra muitos nomes célebres desse período áureo, entre eles Leo, aquele que havia de mais tarde evocar magistralmente na

introdução aos *Ausgewählte kleine Schriften* do famoso editor de de Plauto (Roma, 1960).

Nessa Universidade defendeu tese de doutoramento *De media et nova comoedia quaestiones selectae*, em 1912. Cinco anos depois, obtinha em Berlim o título de «Privatdozent», e, em 1920, o de professor extraordinário. No ano seguinte, passou para Kiel, como catedrático, para regressar, em 1928, a Göttingen. Outras Universidades tiveram a honra de o contar no seu corpo docente, como Basileia e Friburgo da Brisgóvia. Perseguido pelo nacional-socialismo, refugia-se, em 1934, em Oxford, onde, no ano seguinte, ocupa a vaga de Corpus Christi Professor of the Latin Language and Literature, que só viria a deixar por motivo da sua jubilação, em 1953. Em estadias periódicas, ensinou também em Florença, Urbino, Pisa, Bari e Roma.

O entusiasmo despertado pelas suas aulas e mais ainda pelos Seminários — processo de trabalho de que pode dizer-se foi o introdutor em Oxford — foi enorme, apesar de uma certa aspereza de trato que correntemente lhe era atribuída. Quem subscreve estas linhas não pode confirmar a validade de tal censura. Pelo contrário, encontrou sempre, nas três vezes que esteve a estudar em Oxford, aquela afabilidade, aquele interesse facilmente desperto, aquela disponibilidade generosa que é timbre dos grandes Mestres. E conta entre as horas que mais largamente enriqueceram a sua formação clássica as que passou a escutar o Professor Fraenkel, para além dos cursos estatuidos nos horários.

Falar da sua longa bibliografia é quase o mesmo que enumerar uma parte considerável do que de melhor se produziu neste século. Nenhum classicista digno desse nome precisa que lhe apontem a importância de *Plautinisches im Plautus* (Berlin, 1922; trad. italiana, Firenze, 1960); da monumental edição comentada do *Agamémnon* (Oxford, 1950, 3 vols.); de *Horace* (Oxford, 1957); de *Beobachtungen zu Aristophanes* (Roma, 1962); de *Leseproben aus Reden Ciceros und Catos* (Roma, 1968). A juntar a estas obras maiores, um sem número de estudos de dimensão variável (a maioria dos quais reunidos nos dois grandes volumes de *Kleine Beiträge zur klassischen Philologie*, Roma, 1964), mas todos reveladores da vasta informação e poderosa originalidade do seu autor.

Especialista na tragédia como na comédia (grega ou latina), na poesia romana (Catulo, Horácio, Virgílio) e na métrica, profundo conhecedor da Antiguidade como um todo, e não como uma colecção de textos para comentar gramaticalmente, desligados da realidade histórica de que

surgiram, o Professor Fraenkel representa, para todos os que tiveram a honra e a felicidade de serem seus discípulos, um nome que não perece, porque continua vivo, na sua lembrança como nas suas obras.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

### SIR JOHN BEAZLEY

O Ashmolean Museum de Oxford, no seu relatório anual, ao referir-se à perda de Sir John Beazley, ocorrida em 6 de Maio de 1970, escrevia a seu respeito que ele fora «perhaps, by common consent, the foremost classical scholar of his age» e ainda que tinha «an unmatched eye for style fed on all it saw; and the teaching, sustained by superb knowledge of the classical tongues, became proverbial.»

A figura assim definida deteve, efectivamente, um lugar sem rival no nosso tempo. Dedicando-se a uma especialidade — a cerâmica grega — que aos leigos pode parecer circunscrita, mas é de facto a mais vasta, porque pressupõe o conhecimento de todas as outras, levou para a identificação dos artistas e agrupamentos por escolas um rigor até aí desconhecido. É lícito dizer-se que é a partir dos trabalhos do Professor Beazley que se pode fazer história da pintura grega, com toda a projecção cultural que desse conhecimento deriva.

Na esteira dos seus trabalhos, surgiu um elevado número de cultores da especialidade, directa ou indirectamente seus discípulos e continuadores. Continuadores — pois se pode dizer sem receio de exagero que todos os sectores da pintura figurativa grega foram desbravados, de início, pelo Mestre, desde os da Magna Grécia («Groups of Campanian Red-Figure», *Journal of Hellenic Studies*, 1945) aos etruscos (*Etruscan Vase-Painting*, Oxford, 1947), culminando, como era de esperar, nos grandes estilos áticos. Para além dos numerosíssimos estudos parcelares sobre pintores ou sobre colecções, que seria quase interminável enumerar, lembremos apenas as duas obras monumentais, que, só por si, consagrariam um investigador: *Attic Black-Figure Vase-Painters* (Oxford, 1956) e *Attic Red-Figure Vase-Painters* (Oxford, 1942; 2.<sup>a</sup> ed. em três volumes, Oxford, 1963, agora acrescida de *Paralipomena*).

A precisão e elegância de estilo distinguem as descrições de vasos feitas por Sir John Beazley. Aquele que foi, durante muitos anos

(1926-1956) Lincoln Professor of Archaeology and Art da Universidade de Oxford tinha o poder de observar e de exprimir com exactidão os mínimos pormenores; o condão de interpretar com prudência e intuição ao mesmo tempo; a segurança de memória visual para comparar sem erro as características de estilo de cada artista.

A tais qualidades, que fazem o grande investigador neste domínio, juntava uma formação clássica sólida e aquelas virtudes raras que distinguem o grande Mestre: o culto apaixonado da ciência e a generosidade inexaurível em a comunicar. Aqueles que, como a autora destas linhas, tiveram a honra de ouvir as suas prelecções e gozaram o benefício inestimável de receber a sua orientação, não podem deixar de recordar comovidamente a dívida de gratidão contraída para com o Mestre.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

### CONGRESSOS HUMANÍSTICOS

— Em Setembro de 1969, efectuou-se em Bonn, conforme tínhamos anunciado (cf. *Humanitas*, XIX-XX, p. 365) o 5.º Congresso da Federação Internacional dos Estudos Clássicos (FIEC). Estiveram presentes cerca de novecentos membros de trinta e cinco nações (entre as quais algumas tão distanciadas como o Japão, Brasil, Austrália e África do Sul).

Tema central do programa era a interpretação em face da linguística, da estilística, etc. Salientou-se ainda a realização de um «Colloquium Didacticum», em que se discutiram os problemas da formação dos professores de línguas antigas.

Completaram o programa excursões a Trier, Colónia e Liège; uma exposição de antiguidades no Rheinisches Landesmuseum; e uma representação da ópera *Alceste* de Gluck.

— De 1 a 4 de Abril de 1970, efectuou-se a 11.ª Reunião da Mommsen-Gesellschaft, em conjunto, pela primeira vez, com o Deutscher Altphilologen-Verband (DAV). O lugar escolhido foi a Universidade de Friburgo na Brisgóvia. Entre os temas postos à discussão, um da mais candente actualidade: a situação actual dos Estudos Clássicos. Foi designada uma comissão para elaborar um plano-modelo de estudos de Filologia Clássica.

Como complementos, devem assinalar-se a representação, em latim, do *Eunuco* de Terêncio, pelos membros do Seminário de Filologia Clássica de Friburgo, e duas excursões às escavações de Augst, uma visita à Colecção de Antiguidades de Basileia e outra à biblioteca do Beatus Rhenanus, em Schettstadt.

Encontram-se anunciados mais os seguintes congressos:

— Para Abril de 1971, o 4.º Colóquio sobre Didáctica das Línguas Antigas. É significativo que se realize numa das Universidades novas inglesas — pois está marcado para o Eliot College da Universidade de Kent, Canterbury. O tema central é «meios auxiliares técnicos ao serviço do ensino das línguas antigas». A completar esta iniciativa, haverá uma exposição de meios audiovisuais de ensino e de bibliografia sobre o assunto.

— Para Agosto de 1971, o *Seminarium Philologicum Humanisticum* da Universidade de Lovaina organiza o 1.º Congresso Internacional de Línguas e Literaturas Neolatinas.

— Em Setembro de 1972, o Instituto Arqueológico Alemão de Munique celebrará o 6.º Congresso Internacional de Epigrafia Grega e Latina.

M. H. R. P.

## I ENCONTRO DOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR E SECUNDÁRIO DE LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESAS

A realização deste Encontro de Professores de Português, na Faculdade de Letras de Coimbra, de 6 a 11 de Abril de 1970, por feliz iniciativa do Centro de Estudos Românicos, dirigido pelo Prof. Doutor A. J. da Costa Pimpão, teria sempre direito, nesta revista, a uma nota congratulatória, por se tratar de uma matéria a que nenhum classicista lusitano pode ser alheio. Mas, para além da oportunidade e projecção do colóquio, que reuniu mais de trezentos participantes da metrópole e do ultramar e alguns convidados brasileiros, bem como a quase totalidade dos leitores de português espalhados pela Europa — para além disso, dizíamos, temos a salientar que, nos dez temas seleccionados pela Comissão Executiva, figurava um relativo a *O Lugar do Latim no futuro 1.º ciclo do Ensino Liceal*. O respectivo relatório, publicado noutro

lugar desta revista, esteve a cargo da Dr.<sup>a</sup> Maria do Céu Novais Faria, professora metodóloga do Liceu Normal de Pedro Nunes, em Lisboa.

Transcrevem-se a seguir as conclusões referentes a essa sessão, de que as três primeiras foram aprovadas por unanimidade e as restantes por grande maioria (respectivamente, 5, 3, 1 e 29 votos contra, num anfiteatro onde se encontravam mais de 300 pessoas):

1. A importância do Latim como elemento de formação integral pelo contributo «não só para a aquisição de noções de ordem técnica, mas ainda, e sobretudo, para a obtenção de uma formação moral, intelectual e artística» (UNESCO, adaptado).

2. O Latim como fundamento de uma preparação linguística, de particular utilidade na aquisição das Línguas Românicas.

3. A importância do Latim como fonte de um vocabulário internacional, que é de todas as línguas.

4. O Latim como instrumento de compreensão da civilização romana, que está na base da nossa própria civilização; aqui se insere a questão dos livros de ensino e dos elementos visuais, como diapositivos e filmes de arte e de arqueologia.

5. A necessidade urgente da adopção, logo de início, da pronúncia restaurada.

6. A situação variável do ensino do Latim em diversos países, mas em nenhum tão desfavorável como em Portugal.

7. A necessidade de, em Portugal, o Latim ser ensinado, como disciplina independente, ao nível geral, a começar no 1.º Ano do futuro 1.º Ciclo, e não apenas para uma maioria.

Também na exposição bibliográfica que completou este Encontro tiveram o seu lugar os mais modernos livros de ensino do Latim.

M. H. R. P.

## II CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

Do mesmo modo se realizou em Coimbra, em Setembro e Outubro de 1970, um Congresso Nacional, mas este consagrado à Arqueologia. Sendo especialmente destinado a homenagear a memória do Doutor Virgílio Correia, e tendo como promotor o Instituto de Arqueologia da

Faculdade de Letras, dirigido pelo Dr. Jorge Alarcão, naturalmente que os vestígios da antiguidade romana no nosso País tiveram o merecido relevo. Eis o elenco de comunicações que interessam ao nosso campo de estudo:

ALBERTO BALIL, *Galicia y comercio atlántico en época romana*.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, *Conceito de divindade indígena sob o domínio romano na Península Ibérica*.

FERNANDO ACUÑA CASTROVIEJO, *Los lares viales en la Galicia romana*.

MÁRIO PIRES BENTO, *Lápide Romana encontrada em Meimoa*.

ISABEL SOUSA PEREIRA, *Um testemunho do culto de Serápis em Conimbriga*.

MARIA AMÉLIA HORTA PEREIRA, *Sítula com inscrição encontrada em S. Silvestre, Assafarge*.

MARIA ANTÓNIA GRAÇA e JOÃO L. SAAVEDRA MACHADO, *Uma colecção de pedras gravadas. Elementos para um catálogo geral*.

MARGARIDA RIBEIRO, *Anzóis de Tróia. Subsídios para o estudo da pesca no período lusitano-romano*.

MANUELA DELGADO, *Cerâmica campaniense em Portugal*.

ADÍLIA MOUTINHO ALARCÃO, *A «terra sigillata» itálica em Portugal*.

MÁRIA ADELAIDE DE FIGUEIREDO GARCIA PEREIRA, *Subsídio para o estudo da terra sigillata de Mirobriga*.

FRANÇOISE MAYET, *La céramique à «parois fines» de Conimbriga*.

JOSÉ JOÃO RIGAUD DE SOUSA, *Cerâmica fina típica de Braga*.

EDUINO BORGES GARCIA, *Em busca de Eburobrittium, cidade pré-romana da Lusitânia*.

FRANCISCO JOSÉ SALGADO GUIMARÃES, *O Picoto de Santa Amaro (Guimarães)*.

MANUEL MARIA DA FONSECA ANDRADE MAIA, *Arqueologia romana no Ribacoa — o templo romano de Almofala*.

FERNANDO DE ALMEIDA, *Notícia sobre a «villa» romana de S. Cucufate*.

R. ETIENNE ET J. ALARCÃO, *La chronologie des Cryptoportiques à Conimbriga*.

GUSTAV GAMER, *Les colonnes ornées de pampres et la colonne de Beja*.

FERNANDA DE CAMARGO e ALMEIDA, *Considerações sobre o Mosaico das Quatro Estações de Conimbriga. A representação do Sol*.

M. RACHET, J. P. BOST, ISABEL PEREIRA, *À propos d'un trésor monétaire découvert à Conimbriga (Portugal)*.

MÁRIO DE CASTRO HIPÓLITO, *A necessidade de um centro universitário de estudos de Numismática*.

LERENO BARRADAS, *Tarsis e Tartessos*.

FLÓRIDO DE VASCONCELOS, *Reutilização de pedras almofadadas romanas em edifícios medievais*.

Dos votos aprovados na sessão de encerramento, salientam-se o da criação de um centro universitário de estudos numismáticos; o da continuação das escavações em Santa Olaia e Milreu; e de que haja a necessária vigilância sobre as obras públicas ou privadas em sítios de interesse arqueológico.

Entre as realizações que acompanharam o Congresso, ocupa lugar de honra a abertura ao público do criptopórtico romano subjacente ao Museu Machado de Castro. Merece também relevo a publicação, pela Biblioteca Geral da Universidade, de uma bibliografia de Virgílio Correia, a acompanhar a exposição das suas obras, patente nesse mesmo estabelecimento; uma outra exposição, esta no Museu Machado de Castro, sobre a actividade arqueológica em Portugal de 1960 a 1969; e o catálogo referente ao mesmo assunto, que, embora com lacunas grandes, é uma amostra útil do que se investigou no nosso País, durante um decénio, neste domínio científico.

As excursões, que não podiam faltar num congresso desta natureza, compreenderam, além da visita a Conimbriga, a passagem pela vila lusitano-romana de Cardílio, em Torres Novas; pela vila de Torre de Palma; por monumentos de Évora e seu termo; e pelas grutas do Escoural.

M. H. R. P.

### CURSOS EM POMPEIA

O Instituto Arqueológico Alemão organizou, em Maio de 1970, cursos em Pompeia, que compreenderam prelecções e visitas a essa antiga cidade, a Herculano e a Stabiae, e ao Museu Nacional de Nápoles, e ainda excursões a Cápua e Caserta, aos Campos Flegreios e a Capri.

M. H. R. P.

### CENTRO INTERNAZIONALE PER LO STUDIO DEI PAPIRI ERCOLANESI

A rica messe dos papiros de Herculenum tem, desde o princípio de 1969, um centro que lhe é dedicado. Com sede em Nápoles, sob a presidência de V. de Falco, e contando entre os membros da direcção nomes tão ilustres como o de B. Snell (Hamburgo) e R. Merkelbach (Colónia) — para só citar os mais famosos — propõe-se esta instituição proceder à investigação sistemática dos papiros de Herculenum, editados ou inéditos; tornar acessíveis os que ainda não puderam ser desenvolvidos; prosseguir nas escavações na Villa Suburbana dei Papiri; e conceder bolsas de estudo a jovens especialistas.

M. H. R. P.

### CONSELHO DOS DEPARTAMENTOS CLÁSSICOS DAS UNIVERSIDADES INGLESAS

Em Novembro de 1970, constituiu-se na Grã-Bretanha um *Council of University Classical Departments*, fundado pelos professores da Antiguidade Clássica das Universidades inglesas. Pretende servir de elo de ligação entre professores e investigadores de Filologia Clássica, satisfazendo em especial as seguintes finalidades: coligir e divulgar informações sobre novos métodos de estudo no quadro da reforma do ensino inglês; troca de ideias no campo da investigação dos seus membros; representar as necessidades dos departamentos de Clássicas perante o Governo e o público.

M. H. R. P.

### UNIÃO DOS ARQUEÓLOGOS ALEMÃES

No começo de 1970, fundou-se em Bonn o *Deutscher Archäologen Verband*, para representar os interesses profissionais, sociais e científicos dos seus membros, promover a colaboração interdisciplinar e informar o público sobre os progressos da Arqueologia.

M. H. R. P.

## TRABALHOS EM CURSO

O Seminário de Latim Medieval da Universidade de Bonn, dirigido pelo Prof. Dr. D. Schaller, prepara um repertório dos *incipit* de toda a poesia latina (romana e medieval) até ao ano 1000.

Sob os auspícios da Academia das Ciências e Letras de Mainz, continua a publicação do *Archiv für Begriffsgeschichte* (Arquivo de História das Ideias), consagrado à discussão das ideias, função e método da história das ideias, na Filologia, Filosofia, Teologia, História, Sociologia, História das Ciências Naturais e da Técnica.

M. H. R. P.

## REVISTAS NOVAS

Durante este período, há a assinalar mais uma série de revistas novas, consagradas, quer à totalidade, quer a ramos específicos da Antiguidade Clássica:

- *American Classical Review* — City University of New York. Conterá uma parte de informação bibliográfica e de recensões.
- *Ancient Society* — Universidade Católica de Lovaina. Dedicada à história antiga, em especial relações sociais e seus problemas culturais e étnicos.
- *Antike Welt* — Raggi-Verlag, Zurique. Sobre arqueologia e pré-história.
- *Arethusa*, a Journal of the Wellsprings of Western Man — Department of Classics, State University of New York at Buffalo.
- *Britannia* — The Roman Society, London. Desde 1970 que se destacou do «Journal of Roman Studies», para se consagrar exclusivamente à «Roman Britain».
- *California Studies in Classical Antiquity* — University of California.
- *Habis* — Instituto de Arqueología y Filología Griega — Universidad de Sevilla.
- *Museum Criticum* — Bolonha. É continuação dos «Quaderni dell'Istituto di Filologia Greca» da Universidade de Cagliari.
- *Talanta* — Groninga. Órgão da Sociedade Arqueológica e Histórica Holandesa, fundada em 1969, dedica-se a arqueologia e história antiga.

M. H. R. P.

## ERICH SEGAL

Este nome evoca *Love Story*, uma novela sobre universitários, talvez a primeira, das publicadas nos últimos anos nos Estados Unidos, em que há mais emoção e sentimento do que sexo. Por circunstâncias que levariam tempo a explicar, li bastantes em Nova Iorque e em várias estadias em Washington, entre 1959 e 1962.

O filme foi um êxito, muito bem preparado, aliás, por uma propaganda inteligente, densa e variada, mas pareceu-me inferior ao livro. Este reflecte, ao menos em parte, a vida universitária dos Estados Unidos, que o autor conhece bem, como graduado de Harvard e professor de Yale, duas das mais tradicionalmente famosas universidades americanas. Chocante — e também vivo — o diálogo entre os jovens, com o seu vocabulário de calão atrevido e semi-obscoeno, o seu coloquialismo semântico e sintáctico, difícil de exprimir em português decente. Ignoro como se houve o tradutor para a nossa língua, porque não vi a tradução. No filme, a versão do diálogo era incompleta e eufemística.

Erich Segal é um jovem classicista de que neste volume de *Humanitas* se faz a recensão de um dos livros, *Roman Laughter. The Comedy of Plautus*, publicado em 1968.

O único latim que se encontra em *Love Story* é o da dedicatória de Catulo a Cornélio Nepos, adaptado a dois amigos do autor: *...namque... solebatis / Meas esse aliquid putare nugas*. Mas o circunspecto *New York Times*, citado na capa de *Roman Laughter*, conta que, na opinião dos seus alunos, «Erich Segal faz pelo Latim o que Cristo fez por Lázaro». Não pode dizer-se que seja pouco.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

## ANTÍGONA

Em 1969, «Antígona» foi entre nós a mais popular tragédia do teatro antigo. E só quem não saiba o que nesse ano se passou nas escolas, sobretudo universitárias, ficará surpreendido com a súbita

popularidade, semelhante à dos anos do após-guerra, do drama sofocliano (1).

Assisti à representação da *Antígona* de António Pedro, no Teatro da Trindade, em 16 de Outubro de 1969, pelo Grupo de Teatro dos Estudantes do Instituto Industrial do Porto que, com fonética caracteristicamente nortenha e muito desejo de acertar, representou sem grandes quebras de dignidade a conhecida adaptação moderna do tema de Sófocles.

No dia seguinte, em Algés, o grupo «Primeiro Acto» levava à cena a *Antígona* de Jean Anouilh, segundo podia ler-se nos jornais. A versão portuguesa era a do Dr. Manuel Breda Simões, publicada há anos. Com pitoresca ignorância, o crítico do *Diário de Notícias* (17.6.1969, página 5), dizia que a falta de bancos e assentos da sala, forçando o espectador a sentar-se no chão em almofadas, o faria «sentir-se transportado ao velho teatro grego».

Com igual sabedoria, na legenda de uma cena do espectáculo, que encima a notícia, diz-se de Antígona que «por causa do seu servilismo vai morrer».

Também, citando o título do mesmo jornal (2.3.1969), «As Meninas do Liceu Maria Amália representaram *Antígona*», a de Jean Anouilh, talvez em francês (a notícia não esclarece).

E o Grupo Cénico da Companhia Nacional de Navegação, segundo o *Diário de Lisboa* de 27-6-1969, representava nessa dia a *Antígona* de António Pedro.

Pela mesma altura, como pode ler-se em *A Capital* de 25-6-1969, o Grupo Cénico da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico representou a *Antígona* de Bertold Brecht. Este espectáculo — segundo o mesmo jornal — foi «contestado» por um grupo de jovens que acusavam Brecht de ser... burguês.

A. C. R.

### LISÍSTRATA

A protagonista da comédia de Aristófanes, *Λυσιστράτη* («a que liberta os exércitos»), serviu em 26-6-1970 às mulheres americanas, não para desmobilizar a tropa, mas para reclamar igualdade de direitos de emprego, educação e remuneração com os homens. Outro dos direitos

---

(1) Cf. A. Costa Ramalho, «Actualidade do Teatro Grego Antigo», *Studium Generale*, III, 1, Porto, 1956, p. 212.

reivindicados era ainda o de «renúncia livre à maternidade, a simples pedido da interessada». Esta última reivindicação decerto nunca teria ocorrido a Aristófanes e as «contestatárias» também não pretendem obtê-la, recorrendo à «greve do amor». O mais curioso é que as freiras apoiaram a manifestação. E inesperada foi a circunstância de muitos jornais terem falado de Lisístrata como de uma personagem histórica.

A. C. R.

#### CARL ORFF

Graças à Fundação Calouste Gulbenkian, foi possível ver em Coimbra, em 23-5-1969, «Les Grands Ballets Canadiens» que, além de outros bailados, aqui executaram *O Triunfo de Afrodite*, baseado em textos de Safo, Eurípides e Catulo. Constitui a terceira parte dos *Trionfi* de Carl Orff. As duas partes anteriores deste «tríptico» são *Carmina Burana* e *Catulli Carmina* que foram exibidos em Lisboa. Podem ser ouvidos em disco. Foi o que fiz antes de redigir esta notícia: ouvi os *Catulli Carmina*, cuja introdução, da autoria de Orff, em latim como todo o texto, tem a particularidade de ser muito mais erótica do que tudo quanto Catulo nos deixou.

Outras obras de tema clássico de Carl Orff são a *Antígona* (1949) e o *Rei Édipo* (1959) baseadas em traduções de Sófocles, feitas por Hölderlin. A mais recente criação de Orff é um *Prometeu* (1968), com o libreto escrito em grego.

A. C. R.

#### GEORGES POMPIDOU

Os glosadores de curiosidades, de que se alimenta a conversa diária, normalmente não apreciam estudos sérios. Por isso terão ficado surpresos, e talvez desconsolados, ao saber que o novo presidente da República Francesa, havia sido helenista. Com efeito, Georges Pompidou, eleito em 1969 para a presidência da República, foi assim descrito por um dos seus antigos professores: «Brillant élève du lycée d'Albi a remporté le Premier prix de version grecque des lycées de

France (...)» (Cf. *Paris Match*, n.º 1051, 28-6-1969, p. 66). E na edição seguinte da mesma revista pode ler-se: «(...) l'une des choses dont il se pique est de lire aujourd'hui Platon dans le texte» (*Ibidem*, n.º 1052, 9. 7. 1969, p. 66).

A. C. R.

### CONCURSOS DE POESIA LATINA EM AMESTERDÃO (1969 e 1970)

Existem actualmente três concursos anuais, certos e famosos, de composição latina. Em Roma, começou em 1949 o *Certamen Capitolinum*, promovido pelo Instituto de Estudos Romanos, destinado só a prosa, de que se realizou, em 1970, a XXI celebração. Também em Roma inaugurou, em 1954, a revista *Latinitas* um outro concurso, este destinado tanto a poesia como a prosa, sob os auspícios do Vaticano — é o *Certamen Vaticanum*.

O mais antigo e famoso de todos estes concursos é, no entanto, o que se realiza anualmente em Amesterdão, sob o patrocínio da Real Academia Holandesa das Ciências. Celebrou-se pela primeira vez em 1846, para corresponder a um legado deixado por Jacob Hendrik Hoeufft (1756-1843), professor, poeta latino e tradutor para neerlandês de autores gregos e latinos.

Estes concursos mantêm vivo o fogo sagrado da composição poética latina a alto nível. Foram-nos enviados os pequenos volumes com as composições premiadas em 1969 e 1970 no *Certamen Hoeufftianum* de Amesterdão (ler à portuguesa: *Huftiano*, este híbrido latino...). Para se poder acompanhar a natureza, temática e esquemas métricos preferidos, vamos indicar o nome dos vencedores e o títulos das composições galardoadas.

Em 1969 os vitoriosos foram os seguintes:

1 — Ferdinandus Maria Brignoli, com a composição em 200 hexâmetros intitulada *Fons Pacis*. Trata-se da descrição de lenda de uma fonte italiana da Úmbria. O poeta domina perfeitamente a técnica do verso heróico latino. Nele se notam os artifícios do *enjambement* (versos 187 e 188) e da diérese bucólica (verso 18).

2 — Theodorus Ciresola celebra em 29 estrofes alcaicas, sob o lema de *Noua aetas*, a morte de Robert Kennedy, evocando também o assassinato anterior de John Kennedy. Para se apreciar como o latim, cultivado segundo os moldes clássicos, sabe adaptar-se aos temas actuais, não resistimos a transcrever e a traduzir a XXV estrofe:

*Pulsis sed aetas iam, iuuenes, noua  
uasto tenebris albicat in polo.  
Virtute uestra aeuum parate,  
pax ubi sint et amor fidesque.*

*Eia, iovens, expulsas as trevas, já no amplo  
horizonte alveja uma nova época.  
Preparai com o vosso esforço um tempo  
em que haja paz, amor e justiça.*

3 — Iosephus Morabito escreveu *Ad astronautas Americanos*, a 26 de Dezembro de 1968, no próprio dia em que os primeiros americanos conseguiram colocar-se em órbita lunar, uma poesia também constituída por 29 estrofes alcaicas. Em versos dúcteis, eis como se adaptam aos ritmos do Lácio as façanhas modernas, incluindo na métrica nomes germânicos no penúltimo esquema da composição:

*Viuat Columbus, qui pelagi uias  
tentauit amplas omnibus abditas.  
Sic uiuitur; sic morte maius  
est aliquid potiusue uiuis.*

*Viuetis illis uos quoque uerius,  
LOVELL et ANDERS, BORMAN et inclite,  
«Apollinis» qui capsula acti,  
uerrere non dubitastis aethram.*

4 — A última composição premiada em 1969 é de tipo muito diferente. Henrichus C. Schnur apresentou o texto crítico dos hexâmetros 61-173 do *Iuuenalis saturae XVI Fragmentum nuperrime repertum*.

O volumezinho de 1970 abre de novo com uma composição de Ferdinandus Maria Brignoli. Desta vez, porém, o júri homenageia-o

póstumamente, pois Brignoli faleceu a 5 de Janeiro de 1970. Tendo concorrido 13 anos seguidos ao *Certamen Hoeufftianum*, Brignoli conquistou 6 vezes a medalha de ouro e 7 uma medalha de prata. Juntamente com esta explicação, o júri ilustra-lhe a obra com uma fotografia e consagra-lhe 12 trímetros iâmbicos.

1 — Significativamente, a última composição poética de F. M. Brignoli intitula-se *Iurgium*, pois relata a discussão nos derradeiros dias da sua vida entre a Musa Latina e a Doença. Eis como a Doença, nos hexâmetros finais (51-52) canta a sua vitória, exaltando embora a glória do poeta:

*Vicinus. Ex animo tibi fluxit carmen anhelu,  
floruit adflicto diuina e corde poesis.*

2 — Ianus Novák em *Furens tympanotriba* (que poderíamos traduzir por *Toquem sinos a rebate*) lança um autêntico manifesto contra a invasão, pelos russos, da Checoslováquia, sua Pátria, que descreve em enternecidos falécios. A reacção do povo checo, naquele dia 21 de Agosto de 1968, continua a ressoar neste refrão três vezes distribuído pela parte central da poesia:

*Heus, quid Russe uenis? Tibi quid hic uis?  
Quidue optas? Age, iam domum facesse!*

Os últimos versos (78-86) são o pregão que o Autor, fugitivo da Pátria, lança, com veemência, qual *sineiro furioso*, aos países ocidentais. Transcrevemo-los — e traduzimos, para não alongar, apenas a primeira parte e o último verso deste clamoroso final:

*O gentes, populi, caute et omnes  
qui ius fasque fragrans opusque pacis  
uitam liberam amatis atque rectam,  
percauti sitis et caute rursum:  
per terras maria arduosque caelos  
ambit russa manus, manus cruenta  
pestem perniciem serens ubique,  
ambit continuoque et appropinquat:  
PROXIMVS PARES uidete IAM ARDET!*

*Ó nações, ó povos e todos vós acautelai-vos,  
vós que amais o direito e a justiça e a olorosa construção  
da paz e uma vida livre e recta,  
estai precavidos e acautelai-vos sempre:*

.....  
*Olhai, JÁ ARDE A CASA DO VIZINHO!*

3 — Theodorus Ciresola compôs um epitáfio em 90 hexâmetros para a senhora *Ostoria Chelidon*. De acordo com uma tradição bem romana (cf. epitáfio de Cláudia, em A. Ernout, *Recueil de textes latins archaïques*, Paris, n.º 133) é a defunta quem fala ao viandante e se refere à saudade que deixou nos pais, marido e filhos. Os versos finais (89-90) têm cariz tipicamente romano:

*Nunc iter inceptum sub terra perge, uiator.  
Viue ualeque meique dehinc haud immemor esto.*

4 — Iosephus Morabito, tal como Ciresola, volta a ganhar de novo, desta vez com o poema *Discipuli querela*, onde, em 119 hexâmetros, expõe a dura situação dos professores actuais sempre sujeitos à constante contestação dos alunos. A arte poética de Morabito foi premiada 5 vezes desde 1957 a 1970. Note-se que logo o verso 2 é hipérmetro, encontrando-se em sinafia com o n.º 3.

O que ficou resumido, referente só aos concursos de Amesterdão de 1969 e 1970, deixa já entrever a vitalidade da poesia latina actual. Para os admiradores ou curiosos deste género literário recordamos que há várias antologias de poesia latina contemporânea. Citamos apenas entre as mais recentes a de Herbert H. Huxley, *Corolla Camenae*, University of Victoria, 1969, 71 pp.

J. GERALDES FREIRE